

O PROBLEMA DA EXPRESSÃO EM DELEUZE E SPINOZA

JAIRO DIAS CARVALHO *

INTRODUÇÃO

A filosofia se instaura a partir da constituição de um problema, ela não é um enunciado de verdades, mas uma criação de conceitos que desenvolvem as implicações de uma questão formulada. Por isso, queremos entender qual a relação entre o conceito de expressão e o problema envolvido na sua criação. Este conceito tanto está ligado a um problema lógico quanto ontológico, mas neste nosso analisamos o problema ontológico. Não estudaremos toda a teoria da expressão em Deleuze, mas a gênese do conceito de expressão, procurando entender o problema ontológico envolvido. Tal problema aparece no livro *SPINOZA E LE PROBLÈME DE L'EXPRESSION*. Os problemas de uma lógica da expressão (estudados, sobretudo, em *MIL PLATEUX*) ficarão de fora de nossa exposição. A importância do tema está na consideração sobre a origem, na história da filosofia, do problema da expressão. O debate contemporâneo sobre a linguagem e a comunicabilidade se insere na completa determinação do conceito de expressão. Nosso texto pretende esboçar uma pequena gênese desse conceito percorrendo as filosofias de Platão, Plotino, Giordano Bruno e Espinosa.

1.0 O PROBLEMA DA PARTICIPAÇÃO

Qual é a gênese da teoria da arte como imitação-reprodução da realidade? A teoria da participação de Platão. É nela também que encontramos o ponto de partida do problema implicado no conceito de expressão.

Participar é tomar parte ou imitar. Mas participar é, na melhor das hipóteses, ter em segundo lugar. Platão, segundo Deleuze (DELEUZE, 1974, p.

262), não apenas pretende determinar ou distinguir a essência e a aparência, o inteligível e o sensível, a Idéia e a imagem, o original e a cópia, o modelo e o simulacro, mas distinguir duas espécies de imagens, as cópias, possuidoras em segundo lugar por se assemelharem ao modelo e os simulacros que são dessemelhantes em relação ao modelo. A semelhança que une cópia e modelo é uma semelhança interior, a cópia não parece verdadeiramente a alguma coisa senão na medida em que parece à idéia da coisa. A cópia é assim, uma imagem dotada de semelhança e o simulacro uma imagem sem semelhança. A cópia é imitação na medida em que reproduz o modelo. Há toda uma hierarquia nesta participação eletiva. O princípio da participação em Platão é buscado do lado do participante (no que dá a participar). Ele advém de fora do participado: “Se participar consiste em tomar parte, mal se vê como o participado não sofreria uma divisão ou separação. Se participar é imitar será preciso um artista exterior que toma a Idéia como modelo”. (DELEUZE, 1968, p. 153).

Segundo Deleuze, a tradição neoplatônica não parte dos caracteres do participante (múltiplo, sensível) para se perguntar sob qual violência a participação se tornaria possível. Eles tentam descobrir o princípio e o movimento interno que funda a participação no participado como tal. Plotino pretende subordinar a imitação a uma produção. O participado não é imitado de fora, nem constrangido por intermediários que fariam uma violência à sua natureza. A participação aqui não é imitativa, mas emanativa. A emanação se apresenta sob uma tríade, o doador, o que é doado, e o que recebe. Ela significa causa e dom. A causa emanativa é a causa que doa. A emanação se apresenta como uma atividade dinâmica, como uma manifestação da potência do Uno e produção de efeitos, do Uno tudo emana e tudo é doado. A emanação acontece em três hipóteses, há um processo segundo o qual a segunda deriva da primeira e a terceira da segunda. O grau mais elevado produz o mais baixo sem se diminuir, ele dá sem empobrecer. As três hipóteses são a do

* Doutor em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG e Professor adjunto do DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU.

Uno, que está acima do ser e da essência, a inteligência que é unidade de ser e pensamento e a Alma. Para Plotino as hipóstases e o próprio mundo são apenas graus diversos do divino, em cada grau ou momento está presente, em certo sentido o todo, o Uno está no todo, ainda que de maneira diversa, conforme cada coisa seja capaz de contê-lo, e o todo está no Uno. O Uno é o princípio infinito e transcendente. Ele é infinito em potência produtora. Potência aqui não é potencialidade, mas atividade. O Uno é potência infinita, é a potência de todas as coisas, no sentido que, por si mesmo, ele as leva ao ser e no ser as mantém. O Uno é atividade livre autoprodutora, primeiro princípio que se autoproduz e que causa a si mesmo.

Por que e como do Uno derivam as outras coisas? A imagem é a da luz. A derivação das coisas do Uno é representada como o se irradiar de uma luz desde uma fonte luminosa, na forma de círculos sucessivos que pouco a pouco diminuem de luminosidade, enquanto a própria fonte permanece sem empobrecer-se: “Existe sim, alguma coisa que poderia chamar-se um centro; em torno a este centro um círculo irradiando o esplendor que emana daquele centro; em torno a estes (centro e primeiro círculo) um segundo círculo: luz da luz! Fora desses, porém, não existe um novo círculo de luz, mas o círculo que vem depois, por falta de luz, própria, terá necessidade de uma irradiação que vem de fora. A luz imensa permanece enquanto irradia; e o raio que dela emana difunde-se segundo determinada proporção”. (REALE, 1994, p. 453). Assim o Uno é como uma luz partindo de um único centro que se difunde pelo espaço. O que se difunde é apenas um reflexo, enquanto o centro é a luz verdadeira; e, todavia, a luz que se difunde não é de espécie diferente daquela fonte. Como diz Reale: “O Princípio permanece e, permanecendo, gera no sentido de que o seu gerar não o empobrece, não o diminui, não o condiciona. O que é gerado é inferior ao que o gerou e não serve ao que o gera; o que é gerado tem necessidade daquele que o gera, e não o contrário. Pode a fonte da luz não emitir a luz? A nascente da água não manar água? O corpo perfumado não exalar perfume?”. (REALE, 1994, p. 547).

Segundo Reale (REALE, 1994, p. 457) há dois tipos de atividade do uno: a) a atividade do ser e b) a atividade que deriva desde o ser (ou atividade que procede desde o Uno), a primeira é imanente ao ser ao passo que a segunda sai do ser e se dirige para fora.

Aplicando esta distinção ao Uno deve-se falar de uma atividade do Uno e de uma atividade que deriva desde o Uno, a atividade do Uno é a que o faz ser, o mantém e o faz permanecer, ao invés, a atividade que deriva desde o Uno é a que faz com que do Uno derive, proceda outra realidade. Assim as coisas procedem do Uno porque o Uno é o que é, ou seja, infinita força que transborda. A vontade do Uno de ser sua própria natureza é a causa direta da emanação desde a sua natureza. Ele transborda e a sua exuberância dá origem a uma realidade nova. As hipóstases que sucedem ao Uno são, num certo sentido, o próprio Uno, na medida em que este é a fonte e a potência de tudo. Mas, noutro sentido, não são o Uno, mas diferenciações da potência do Uno. Todas essas gerações são Ele e não são Ele; são Ele porque Dele derivam, mas não são Ele porque Ele, permanecendo em si mesmo, outra coisa não fez a não ser dar. Toda realidade (toda hipóstase) traz em si o impulso a criar sempre alguma coisa sucessivamente, até os limites da possibilidade e cada coisa participa do Bem na medida em que é capaz. Todas as coisas estão em Deus, não que coincidam com a substância de Deus, mas que derivam e dependem, todas elas, da sua potência. O Uno põe livremente a si mesmo, e pondo-se livremente a si, produz necessariamente as outras coisas, que não podem não derivar Dele.

Temos em Proclus (REALE, 1994, p. 586) as seguintes leis que governam a processão: a permanência, o ficar ou o permanecer em si do princípio; o princípio; a processão, ou seja, o proceder desde o princípio; o retorno ou a conversão, ou seja, o retornar ao princípio. O Uno produz em razão da sua perfeição e superabundância de poder. Ele produz e permanece tal qual é e produz em razão desse seu permanecer imóvel que não pode sofrer diminuição; a processão não é uma transição, como se o produto que dela deriva fosse uma parte dividida do produtor. A produção deve ser pensada como uma multiplicação de si mesmo por parte do produtor em virtude da sua potência. O que procede é semelhante àquele do qual procede, e a semelhança é anterior à dessemelhança. Todo processo é permanecer perene, proceder perene, retornar perene. Em virtude do princípio da semelhança não somente a causa permanece como causa, mas também o produto em certo sentido permanece na causa no mesmo momento no qual dela procede, e o motivo é que o proceder não é um separar-se, isto é, um tornar-se totalmente outro; o permanecer é substancialmente o assemelhar-se do produto ao

produtor, e esse semelhança, como foi dito, é a razão pela qual o produto aspira a voltar para a causa. Todo efeito permanece na sua causa, procede dela e se volta para ela. Se se limitasse a permanecer em nada seria diferente da sua causa.

Já Giordano Bruno¹ acreditava em um princípio formal constitutivo das coisas que chamava de a alma do mundo, origem das formas e a causa produtora dos compostos e núcleo de organização das coisas. Apresenta-se a mesma em todos os seres. Ela é como a voz do orador para todos aqueles que a escutam, em toda parte do universo e em todos os seres que nela estão contidos. Como para ele o universo era infinito não haveria uma hierarquia das hipóteses. A alma é o princípio ativo e interno que assegura toda harmonia, toda organização. Ela governa, mantém, move e contém. Para Bruno a alma do mundo já não é a hipótese que engendra sem se diminuir, mas é o princípio que intrinsecamente faz parte dos seres. As almas particulares não são realidades subsistentes, exteriores, mas modos ou expressões individuais da Alma do mundo. Bruno distingue entre a causa que produz uma coisa, sem dela fazer parte, e o princípio que dela integralmente faz parte e, dela constitui a substância. O bronze é um princípio da estátua, pois constitui sua matéria; o artista que cria estátua, dela se distingue e a transcende. A alma do mundo como princípio da natureza é um seu constituinte intrínseco, uma causa interna ou imanente. A causa eficiente é interior à matéria. Ele, também, concebe Deus como inseparável das coisas e as coisas como manifestações de Deus. Deus é um artista que não atua em volta e à superfície das coisas, mas do interior de toda a coisa e de toda a natureza.

Bruno acredita em uma substância una e concebe os termos complicação e explicação para entender as relações da substância una com as suas diversas modalidades. Em si o ser é indivisível e muito simples, infinito e total em cada mundo, em cada ser como em cada parte: nele tudo está confundido e complicado; em contrapartida, nos corpos sensíveis, é explicado e sucessivo. As coisas corporais não são mais que as expressões diversificadas de uma substância espiritual única. O infinito implícito, no primeiro princípio muito simples, encontra-se explicado na infinita multidão dos seres. A substância infinita

compreende totalmente o ser, por que nada está fora nem acima dela. Mas as coisas do universo que compreendem todo o ser, não o compreendem totalmente; o que significa que determinado objeto não pode revestir simultaneamente todas as formas; só as pode ter de uma maneira sucessiva e temporal; enquanto estas mesmas formas consideradas no ser total, estão eternamente implícitas. É preciso compreender que tudo está em tudo, mas não totalmente e, sob todos os seus modos em cada indivíduo. Cada coisa é o Uno, mas não sob o mesmo modo. A transformação não visa procurar um outro ser, mas simplesmente uma outra maneira de ser. Todas as coisas estão no Universo e o Universo em todas as coisas, assim como nós estamos nele e ele em nós. A causa infinita do universo é interior ao seu efeito. Para que o universo seja o verdadeiro espelho de Deus, convém que não seja regido de fora, por uma força que lhe seria estranha. Todas as forças, todas as energias são inerentes à matéria. Todos os seres de lá vem e para lá voltam. Esta realidade não é distinta de Deus, não é mais do que uma das faces, uma das fisionomias de Deus. São distinções funcionais ou lógicas, não seres diferentes. A diversidade dos modos da substância é interna a esta substância. É preciso, então, buscar a divindade não fora do universo, pois nada existe fora dele, mas no interior do universo. Assim, Bruno identifica Deus e a Natureza. Uma natureza infinita, efeito de um Deus infinito, que não pode ser, senão interno à causa que a produziu. A natureza não passa de uma manifestação de Deus.

A partir desta pequena incursão na história da filosofia podemos passar a discutir a diferença entre causa emanativa e causa imanente por que será nesta espécie de causa que aparecerá o conceito de expressão. (DELEUZE, 1968, p. 155-56). Elas têm uma coisa em comum: elas não saem de si, elas permanecem em si para produzir. Mas a diferença está na maneira como as duas causas produzem. Se a causa emanativa permanece em si, o efeito não permanece nela. Do Uno como primeiro princípio ou como causa das causas procede as hipóteses. Mesmo se o efeito não é jamais separado da causa, ele é pensado como a continuidade de um fluxo e de uma radiação. A causa emanativa produz conforme o que dá, mas ela está além do que dá: o efeito sai da causa e não existe senão retornando à causa. Uma causa é imanente quando o efeito é imanado na causa no lugar de emanar. O que define a causa imanente é que o efeito está nela sem

¹ O que segue é baseado no estudo de NAMER, E. *Bruno ou o universo infinito como fundamento da filosofia moderna*. Apresentação, escolha de textos, bibliografia Emile Namer, trad. Franco de Souza. Lisboa, 1973.

dúvida com em outra coisa, mas é e permanece nela. O efeito não permanece menos na causa do que a causa permanece nela mesma. Assim, jamais a distinção entre a causa e o efeito será interpretado como degradação. Do ponto de vista da imanência é o mesmo ser que permanece em si na causa, mas também no qual o efeito permanece como em outra coisa.

No processo emanativo, a externalidade do efeito com respeito à causa permite uma sucessiva degradação na cadeia causal e uma desigualdade de essências. A causa emanativa não é somente superior ao efeito, mas o que ela dá como efeito. Doando ser a tudo o que é, ela é necessariamente além do ser ou da substância. A emanação é um sistema do Uno superior ao ser. A emanação não é separável da eminência do princípio ou da causa. Eminência significa um destacar-se, um elevar-se, trata-se de algo que supera, que se distingue, que se distingue por sua superioridade, que é superior por pertencer a uma ordem superior de realidade. Por exemplo, Deus possui em grau eminente todas as perfeições. A cada estado de emanação, deve-se reconhecer a presença de um imparticipável do qual as coisas procedem e do qual elas se convertem. A emanação serve de princípio a um universo hierarquizado: cada termo é como a imagem do termo superior que o precede e se define pelo grande distanciamento que o separa da causa primeira ou do primeiro princípio. A superioridade da causa subsiste do ponto de vista da imanência mas não acarreta nenhuma eminência. A imanência se opõe a toda eminência da causa, a toda teologia negativa, a toda concepção hierárquica do mundo. A participação deve ser pensada de maneira inteiramente positiva, não a partir de um dom eminente, mas a partir de uma comunidade formal que deixa subsistir a distinção das essências.

Podemos resumir as três “figuras” da causalidade que vínhamos trabalhando. Um efeito está contido formalmente numa causa quando a mesma natureza presente na causa está presente também no efeito: o fogo causa o calor, e o calor está presente ao fogo – causa imanente. O fogo é o calor que está nele e o calor que ele difunde. Um efeito está virtualmente contido numa causa quando isso não acontece, como no caso em que um vaso ou uma estátua é causado por um artista - causa exemplar. Um efeito está eminentemente contido numa causa quando esta é mais perfeita que o efeito-causa emanativa. Algo é eminente quando a causa contém toda a realidade do efeito mais

perfeitamente que o efeito mesmo. Temos, então, duas tradições: emanação e imitação *versus* causa imanente e expressão.

2.0 O PROBLEMA DA EXPRESSÃO

Passemos à significação do espinosismo. Segundo Deleuze (DELEUZE, 1968, p. 164), Espinosa pretende afirmar a imanência como princípio e retirar a expressão de toda subordinação no que diz respeito a uma causa emanativa ou exemplar. Expressar não é emanar, parecer, imitar ou assemelhar-se. Deleuze interpreta a substância como singular. O ser é singular, infinito e notável. Ele não é distinto de, ou diferente de qualquer coisa fora de si mesmo, mas distinto em si. A distinção da substância nasce de dentro. *Causa sui* significa que o ser tanto é infinito quanto definido. Dotado de causalidade eficiente sua diferença é interna a si. A substância é definida por que é diferente em si mesma. Esta autodistinção tem como consequência que o ser não é diferente de qualquer coisa fora do ser, nem é indiferente ou abstrato. A substância única é qualificada, mas não limitada, se tivesse que ser limitada (ou ter número) teria que envolver uma causa externa. A substância é causa de si, o ser é causa material e eficiente de si mesmo. Para Deleuze a substância já é real e qualificada (*complicatio*) e não se coloca a questão da determinação por que os atributos preenchem o papel da expressão (*explicatio*). Na definição seis do livro Um da Ética Espinosa diz que: “Por Deus eu entendo um ser absolutamente infinito, quer dizer uma substância que consiste em uma infinitude de atributos onde cada um exprime uma essência eterna e infinita”. A substância se exprime em seus atributos e cada atributo exprime uma essência e os atributos se exprimem nos modos e cada modo exprime uma modificação. Encontramos aqui o duplo movimento de complicação e de explicação (tanto em relação à substância-atributos como atributos-modos).

Vamos ao primeiro: a substância complica os atributos, cada atributo explica e exprime a essência da substância, a substância se explica por todos os atributos. Assim, a idéia de expressão é acompanhada pelos correlatos: *explicare* e *involvere*. Expressar é envolver e explicar, estes são os dois aspectos da expressão. Envolver é implicar e explicar é desenvolver. Implicar (envolver) e explicar advêm da palavra latina *plicare* que significa dobrar. Assim, implicar indica a presença de

uma ordem que se acha implícita no envolvimento. Implicar indica dobrar e ordem interna. Assim implicar ou envolver significa dobrar para dentro e explicar, desenvolver significa dobrar para fora. De uma parte a expressão é uma explicação: desenvolvimento do que se exprime, manifestação do Uno no múltiplo (manifestação da substância nos seus atributos, e dos atributos nos modos). O Uno se expressa no múltiplo, ou seja, o múltiplo desdobra o Uno. O Uno envolve e implica o múltiplo, porque o Uno está dobrado muitas vezes. Mas, por outro lado, a expressão múltipla envolve o Uno. O Uno permanece envolvido no que se exprime, impresso no que o desenvolve, imanente a tudo o que se manifesta, neste sentido a expressão é um envolvimento. A expressão envolve, implica o que ela exprime, ao mesmo tempo, que ela explica e desenvolve. Implicação e explicação, envolvimento e desenvolvimento são termos herdados de uma longa tradição filosófica. Eles são enviados à noção de *complicatio*. A complicação designa a presença do múltiplo no Uno e do Uno no múltiplo. Através dos atributos (as expressões) a substância (o agente da expressão) é absolutamente imanente (causa imanente) no mundo dos modos (o expressado). Isto significa que a ação causal da substância permanece dentro dela mesma, no interior de si, o efeito permanece dentro do próprio agente e não produz mudança exterior. O que significa que a substância produz determinações intrínsecas a si mesma.

Vejamos a relação atributos-modos. (DELEUZE, 1968, p. 174-5). Os atributos são formas dinâmicas e ativas. Cada atributo exprime uma essência infinita, quer dizer uma qualidade ilimitada. Os atributos são verbos exprimindo qualidades ilimitadas, essências infinitas ou qualidades substanciais. A expressão concerne a um atributo, ela exprime uma essência, quer dizer uma natureza no infinitivo. Os atributos são indivisíveis como qualidade. E cada atributo-qualidade possui uma quantidade infinita, cada qualidade substancial tem uma quantidade modal-intensiva. Assim, o atributo contém, quer dizer complica todas as essências dos modos; os contém como a série infinita dos graus de potência que correspondem à sua quantidade intensiva. Cada atributo é um verbo, uma expressão. As essências de modos se definem como graus de potência ou como quantidade intensiva. Elas não são nem possibilidades ou propriedades lógicas nem estruturas matemáticas nem entidades metafísicas, mas realidades físicas. Um modo em sua essência é sempre um grau, uma certa

quantidade de uma qualidade, uma parte intensiva. As essências de modos são as partes intensivas ou intrínsecas, graus determinados de intensidade, graus determinados de potência de uma série infinita. Os modos intrínsecos, contidos no atributo são as partes intensivas do atributo ele mesmo. Cada modo exprime, assim, a essência de Deus segundo o grau de potência ou de intensidade que constitui sua essência. As essências de modos são realidades intensivas e, estão complicadas no atributo, isso caracteriza uma distinção intrínseca. Os modos são assim, maneiras de ser que existem nos atributos. Os modos de uma substância são suas determinações intrínsecas possíveis. Dado um raio luminoso a luz pode ser mais ou menos intensa sem que nada se acrescente à sua natureza, ou dela se subtraia, o que significa que a intensidade é um modo da luz, como uma determinação intrínseca da própria luz. Assim, os modos são graus de intensidade ou determinações intrínsecas da substância.

Considerar a substância não como causa transcendente ou como causa emanativa, mas como causa imanente é admitir que ela permanece em si para produzir. Diferentemente da concepção emanativa, para quem o efeito sai da causa, na imanência o efeito, mesmo sendo outra coisa, permanece na causa como em outra coisa. Isto é, no caso da causa imanente, a distinção de essência entre causa e efeito, entre produtor e produzido implica uma igualdade de ser: é o mesmo ser que permanece em si na causa e no qual o efeito permanece como em outra coisa.

Pela concepção de Espinosa a participação é pensada como uma participação material e quantitativa. (DELEUZE, 1968, p. 166). As teorias da emanação e da criação concordariam em refutar à participação todo sentido material e quantitativo. As coisas finitas são as partes da potência divina por que elas são os modos dos atributos de Deus. Reduzir as coisas a modos de uma substância única é um meio de fazer os seres naturais dotados de força ou de potência. Uma essência de modo é potência. Participar aqui deve ser compreendido, então, como ter parte; e parte deve ser entendida como parte intensiva, grau de potência ou de intensidade. As coisas participam da potência de Deus, são partes da potência divina, partes singulares, quantidades intensivas ou graus. Parte tem o mesmo sentido que grau: grau de potência ou de intensidade física que é uma parte intrínseca. As partes intensivas da potência divina se distinguem do atributo, como a intensidade da qualidade, e se distinguem entre

elas, como os diversos graus de intensidade. Sendo formas comuns, os atributos são as condições sob as quais a substância possui um todo - potência idêntica à sua essência, e condições sob as quais os modos possuem uma parte desta potência idêntica a sua essência. A potência de Deus se exprime ou se explica modalmente, mas somente por e nesta diferenciação quantitativa. Os modos se distinguem quantitativamente; cada modo exprime ou explica a essência de Deus. Os modos de um mesmo atributo não se distinguem pelo seu lugar, por sua proximidade ou sua distância de Deus. Eles se distinguem quantitativamente, pela quantidade ou capacidade de sua essência respectiva que participa sempre diretamente da substância divina. À hierarquia das emanações se substitui uma hierarquia das modalidades em Deus ele mesmo. Assim, todo efeito é em Deus e permanece em Deus, isto porque Deus ele mesmo é presente em cada um de seus efeitos. Todas as coisas são presentes a Deus que as complica, Deus está presente a todas as coisas que o explicam e o implicam. A presença das coisas a Deus constitui a inerência, como a presença de Deus às coisas constitui a implicação. À hierarquia das hipóstases se substitui a igualdade do ser; por que é o mesmo ser ao qual as coisas são presentes e ele mesmo é presente nas coisas.

A imanência se define, então, pelo conjunto da complicação e da explicação, da inerência e da implicação. As coisas permanecem inerentes ao Deus que as complica, como Deus permanece implicado pelas coisas que o explicam. É o Deus complicador que se explica através de todas as coisas: Deus é a complicação universal, no sentido em que tudo é nele e a universal explicação no sentido que ele é em tudo. A participação encontra seu princípio não mais em uma emanação donde o Uno seria a fonte mais ou menos próxima, mas na expressão imediata e adequada de um Ser absoluto que compreende todos os seres e se explica pela essência de cada um. Como diz Deleuze: “A expressão, então, compreende todos estes aspectos: complicação, explicação, inerência, implicação. Estes aspectos da expressão são também as categorias da imanência; a imanência se revela expressiva, a expressão imanente, em um sistema de correlações lógicas onde as duas noções são correlativas. Deste ponto de vista, a idéia de expressão dá conta da verdadeira possibilidade da participação. É nesta idéia de expressão que o novo princípio de imanência se afirma”. (DELEUZE, 1968, p. 159). A expressão aparece como

a unidade do múltiplo, como a complicação do múltiplo e a explicação do Uno. É em torno destes problemas que aparece na história da filosofia o conceito de expressão.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1968.

_____. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Minuit, 1968.

_____. **Logique du sens**. Paris: Minuit, 1969.

_____. **Spinoza: Philosophie pratique**. Paris: Minuit, 1981.

NAMER, E. **Bruno ou o universo infinito como fundamento da filosofia moderna**. Apresentação, escolha de textos, bibliografia Emile Namer, trad. Franco de Souza. Lisboa, 1973.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga**. Introdução de Marcelo Perine e Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994. v.4, *As Escolas da Era Imperial*.

